

## **O protagonismo de lideranças Pankará na afirmação da identidade étnica no Semiárido nordestino<sup>1</sup>**

Edivania Granja da Silva Oliveira, IF SERTÃO PE, Pernambuco/Brasil

Palavras-chave: Etnicidade; História; Memória;

Este texto faz parte da pesquisa de doutoramento em História Social realizada no Programa de Pós Graduação em História Social – FFLCH/USP. Especificamente neste artigo evidenciamos o processo de mobilização para a afirmação da presença indígena e as relações socioambientais na Serra do Arapuá e áreas adjacências, Submédio São Franciscano. Com ênfase ao papel das lideranças no processo de mobilizações através das histórias de vidas. Para tanto, foram acionadas as memórias dos Pankará da Serra do Arapuá: a Cacica Dorinha, os pajés, Manoelzinho Caxeado, Pedro Limeira e João Miguel. As lideranças, Luciete Lopes e Manoel Gonçalves (Nenem). E Cacica Lucélia Leal, Pankará Serrote dos Campos, na perspectiva de uma história indígena discutida a partir das interpretações dos conhecimentos sobre a flora, fauna, os sentidos e significados atribuídos ao rio São Francisco e as nomeações dos indígenas para os diversos aspectos da Natureza. Na intenção de exercitar a história dos Pankará nas dinâmicas de interação com Ambientes, a Serra do Arapuá - área de Brejo de Altitude e às margens e ilhas no Rio São Francisco, relacionadas as relações parentais e ambientais que são importantes na afirmação da identidade étnica.

A Serra do Arapuá é um brejo de altitude, no Semiárido pernambucano, no Bioma Caatinga. Localiza-se em Carnaubeira da Penha, que segundo o Censo de 2010 (IBGE) foi classificado como área de pequeno porte, com população de 11.782 pessoas, contando com 1.982 habitando a zona urbana e 9.800 habitam a zona rural, sendo que o percentual de 96, 61% dos habitantes da zona rural são indígenas, equivalente a 9.468 pessoas. A população total do município é composta por 80,35% de indígenas Atikum (Serra Umã) e Pankará (Serra do Arapuá), portanto, município predominantemente indígena. Em relação a renda, 55% da população possuindo renda mensal per capita de até ½ salário mínimo, com baixo Índice de Desenvolvimento Humana/IDH de 0,537 e mais de 50% da

---

<sup>1</sup> “Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020. ”

população sendo beneficiária no Programa Bolsa Família (ANDRADE, 2010; SIGAS-PE, 2013).

O povo Pankará Serrote dos Campos são 95 famílias em área, reivindicada no Serrote dos Campos, na zona rural da Nova Itacuruba (PE), fazendo parte da microrregião de Itaparica, com clima semiárido, vegetação predominante de Caatinga hiperxerófila. Município que segundo o Censo de 2010 (IBGE) contava com uma população de 4.369 pessoas, com índice de Desenvolvimento Humano de 0,595, com renda per capita mensal estimada em 45% recebendo até ½ salário mínimo e 13% da população ocupada obtendo salário médio até 1,8 salário mínimo. É antiga área de habitação de grupos étnicos, atualmente habitando a Nova Itacuruba as comunidades quilombolas, Negros do Gilú e Poços dos Cavalos. O povo indígena Serrote dos Campos e dois novos grupos que estão em processo de emergência étnica, Tuxá Campos e Tuxá Pajéu. Portanto, a Nova Itacuruba com baixo índice populacional, poucas oportunidades de trabalho e baixos rendimentos, elevado índice de mobilização étnica, com 05 grupos reivindicando reconhecimentos étnicos, garantias territoriais, direitos a saúde e educação diferenciadas.

As histórias de vidas foram registradas conforme metodologia da História Oral, compreendendo que as memórias são recheadas de subjetividades e de representações formuladas a partir das vivências expressas pela compreensão do passado (ALBERTI, 2004). Assim, concebemos que o passado emerge no presente, “misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, ‘desloca’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência” (BOSI, 1994, p. 09). Portanto, as histórias de vidas dos Pankará são concebidas como fontes através das memórias dos indígenas selecionados.

Buscamos compreender os relatos de vida exercitando reflexões sobre os acontecimentos, acionados para compor a “história” do entrevistado, “considerada como história em relação ao espaço social no qual se realizam não é em si mesma um fim” (BORDIEU, 2006, p. 189). Portanto, a trajetória de vida compõe aspectos da individualidade, construção social e biológica. Então, tentamos compreender as narrativas das vidas dos Pankará como afirmação da identidade na Serra do Arapuá imbricados nos processos mobilizadores para o reconhecimento étnico, nas garantias de direitos e no acesso à terra.

O Pajé Pankará Pedro Limeira (Pedro Luiz dos Santos), nasceu no ano de 1930. Enfatizou que é filho de Luiz Antônio dos Santos, sendo o pai o índio mais perseguido pelos brancos. O pai era conhecido como Luiz Limeira e era Pajé. O avô, o pai e o entrevistado não estudaram, devido à época em idade escolar não existirem escolas em

aldeia, por isso foi enfático com a importância das mobilizações dos Pankará pela educação específica e diferenciada, “o povo mais velho não tinha estudo, para aprender alguma coisa tinha que passar uns dias nas matas, voltava e contava ou fazia as coisas (PEDRO LUIZ DOS SANTOS, 2019).

A esse respeito afirmou que “a família é toda ‘braiada’, é de muita gente”. A família possui a “Ciência do Índio”, conhecimento fundamental sobre a ritualística para a afirmação étnica. O seu pai e avô da Cacica Dorinha, foi uma importante liderança e em parceria com as lideranças da Serra do Arapuá e Serra Umã, atuaram ativamente nos processos de mobilizações na Serra da Cacaria<sup>2</sup>/Serra do Arapuá e na Serra Umã, na década de 1940. Sendo que o ritual era realizado a noite e às escondidas (PEDRO LUIZ DOS SANTOS, 2019).

O pai, Luiz Limeira, denunciou as perseguições enfrentadas e reivindicou direitos as terras, através de telegramas, participação de circuitos de trocas ritualísticas e políticas, realizando viagens ritualísticas e de “fugas” em busca de apoio com outros grupos indígenas. Dentre as investidas pelo reconhecimento enviou em 1949 uma carta para o Chefe do Posto Indígena Atikum, após viagem a Rodelas (BA), quando recebeu apoio do chefe do Posto Indígena Tuxá, além de orientações para o reconhecimento e proteção do Serviço de Proteção ao Índio - SPI (MENDONÇA, 2013).

A liderança Luiz Limeira recebeu a visita em 1952 do antropólogo norte-americano William Hohenthal<sup>3</sup>, o mesmo encontrava-se em Rodelas, no povo Tuxá, na Bahia quando soube que a Serra Cacaria/Arapuá era local de ritual, de habitação de índios. Ao conhecer a área serrana descreveu como local favorável, com grande disponibilidade de água, possuindo abundantes artefatos arqueológicos, comprovando que era lugar de indígenas. Por essas razões, deveria ter sido a área adequada para a implantação do Posto Indígena e não a Serra Umã, local desfavorável, com escassez de águas e muito seco. Afirmou também a existência em torno de 1000 remanescentes de índios Huamué, os índios “Pacará ou Pacarais” habitando as duas serras, Cacaria e Arapuá. Além de realizar

---

<sup>2</sup> Serra da Cacaria faz parte do complexo da Serra do Arapuá.

<sup>3</sup> William Dalton Hohenthal Jr, norte-americano, pesquisador da Universidade da Califórnia em Berkeley, empreendeu viagem pelo Sertão do São Francisco nos anos de 1951 e 1952 sob a chancela do SPI, com o objetivo de efetuar estudos etnológicos sobre os indígenas dessa região. Durante sua estadia com os grupos indígenas enviou correspondências para o Chefe do Posto Indígena da I.R.4, sediado em Recife, também produziu relatório para o SPI, enviou “artefatos recolhidos entre os índios, destinados ao Museu de Antropologia da Universidade da Califórnia” (SILVA, 2007, P. 162) e publicou artigo na Revista do Museu Paulista em 1960.

denúncia sobre as perseguições feitas por famílias “poderosas” de Floresta a família do índio Luiz Limeira (HOHENTHAL, 1960, p. 61).

A cosmologia dos indígenas no Nordeste é fundante a ritualística do Toré e o complexo da Jurema. Segundo o Pajé Pedro Limeira, a Jurema é usada para cura, faz limpeza e fortalece o corpo, contudo, para funcionar tem que ter o ritual, cantar o toante. Explicitou que a função de Pajé não é por indicação, é escolhido pela Natureza. Nasceu diferente, a aprendizagem ocorre pelos “Encantados”, nas matas. Destacou que não sabe ler e escrever como os irmãos, “mas possui a sabedoria” (OLIVEIRA, 2014).

O Pajé Pedro Limeira casou com a índia da Serra Cacaria, Emília Olindina dos Santos, conhecida por D. Emília. Os filhos nasceram e foram criados na Cacaria, local de tradição, aonde sempre dançaram o Toré no Terreiro Sagrado da Cacaria. Em um estudo foi evidenciado que, D. Emília nasceu na aldeia Roçado, no pé da Serra Cacaria, área da Serra do Arapuá, os pais eram da Serra do Arapuá, chamavam Olindina Maria de Souza e Olímpio Barbosa de Souza. Desde a tenra infância aprendeu afazeres domésticos, praticando a agricultura e participando de rituais em vários terreiros existentes na Serra, num destes rituais conheceu seu esposo, o Pajé Pedro Limeira. Aos 16 anos casou, em 1949, união que resultou no aumento da família, com “doze filhos, todos nascidos na Serra do Arapuá, alguns com ajuda das parteiras, outros sozinho. São dez homens e duas mulheres, sendo a filha Maria das Dores [conhecida como Dorinha], nossa cacica” (MENDONÇA et al, 2019, p. 51).

O Pajé Pedro Limeira contou que em épocas de grandes secas era obrigado a ir trabalhar em São Paulo ou descia a Serra e plantava cebola na “beira” do rio, na condição de “meeiro”, mas só ganhava os donos das terras. Desistiu de trabalhar em terras dos outros na “beira” do rio e resolveu plantar somente nas suas terras, na Cacaria. Destacou que em períodos de chuva planta feijão de corda, batata doce, mandioca e milho. Destacou que o nome indígena de feijão de corda é “Caibora” e milho é “Atí”, na língua do “Velho Ajucá” (PEDRO LUIZ DOS SANTOS, 2019).

As relações parentais são originárias na Serra Negra, as “raízes” da família do Pajé Pedro Limeira é da Serra Negra e Serra Umã, a bisavô era da família de “Chico Lata. Afirmou que a Serra Negra é dele: “eu tinha as frases que veio da Serra Negra para a fazendinha, na Barra do Tarrachil. A Serra Negra é indígena, é nossa. A família da minha esposa, Emília, também tem a raiz na Serra Negra” (PEDRO LUIZ DOS SANTOS, 2019).

Sobre o povo Atikum relatou a conquista pelo reconhecido ocorreu por conta dos índios das Serras, Cacaria e Arapuá, especialmente a família Limeira, na chegada dos representantes do SPI os “caboclos” da Serra Umã não conseguiram realizar um ritual forte. A família Limeira foi fortalecer o ritual (PEDRO DOS SANTOS, 2019). Sendo evidenciado em um estudo sobre o povo Atikum as relações parentais, de compadrio e a ritualística com os índios da Serra do Arapuá, reconheceram que a família Limeira e o atual Pajé Pedro Limeira são grandes conhecedores da “ciência do índio” (SILVA, 2007). Confirmando as relações e fluxos ritualísticos entre os habitantes das referidas serras.

Afirmando a presença indígena na Serra do Arapuá/Cacaria, a filha do Pajé Pedro Limeira e de Dona Emília, neta da liderança Luiz Limeira, a Cacica<sup>4</sup> Dorinha, nasceu em junho de 1964, na Serra da Cacaria, destacando que “sempre vivi sob a orientação e no acompanhamento dos rituais praticados pela minha família, sempre estive em contato com as tradições religiosas indígenas”. Afirmou que a família sempre sobreviveu das práticas agrícolas e de artesanato produzidos pelos pais (MARIA DAS DORES DOS SANTOS, 2018).

Sobre a participação no processo de mobilizações dos Pankará, a Cacica Dorinha afirmou que em 1998 passou a fazer parte das mobilizações em defesa do seu povo,

A partir de então, eu junto com as lideranças de meu povo, alcançamos muitas conquistas após enfrentamentos de vários desafios. Considero como um dos maiores desafios enfrentados na minha caminhada, enquanto líder do meu povo foi a luta pelo reconhecimento do povo, logo em seguida, a conquista pela Saúde e por uma Educação Específicas, que atendesse as necessidades do meu povo. Atualmente um dos maiores desafios ainda é a demarcação do território, ainda em processo de delimitação. Considero como as maiores dificuldades na minha atuação, como líder do povo, o enfrentamento das constantes ameaças, perseguição e discriminação por parte dos políticos e posseiros que habitam o território da Serra do Arapuá. Mesmo assim, seguirei firme em defesa dos direitos do meu povo (MARIA DAS DORES DOS SANTOS, 2018).

A década de 1990 foi considerada um período marcante para o país, com várias Legislações e regulamentações relacionados a Constituição Brasileira, promulgada em outubro de 1988. Em relação aos indígenas no Sertão do São Francisco, a referida década

---

<sup>4</sup> Optei o uso da palavra cacique no feminino, Cacica.

foi importante pela ocorrência de um acentuado processo de novas ou “retomadas<sup>5</sup>” de mobilizações étnicas. Neste sentido, a Cacica afirmou que participou de forma efetiva no processo da autodenominação dos indígenas, que em companhia do Pai, o Pajé Pedro Limeira, e do Pajé Manoelzinho Caxeado, foram participar do I Encontro Nacional dos Povos Indígenas em Luta pelo Reconhecimento Étnico e Territorial, na cidade de Olinda (PE), em janeiro de 2003.

Destacou que antes da viagem sonhou que andava entre a Serra da Cacia e do Arapuá, na região do Boqueirão, onde haviam muitas flores brancas, borboletas e palavras voando. Havia um jardim e no centro uma palavra, Pankará. Ao chegarem no Encontro no momento de fazer a identificação do povo, sentiu uma forte dor no peito, lembrou do sonho e do nome Pankará, apresentaram o ritual e autodenominaram povo Pankará, “povo resistente”. Então, “alguém de Brasília que participava do evento afirmou que os indígenas na Serra do Arapuá existiam há muitos anos, que tinha registro de documento deles, com o nome Pacará” (MARIA DAS DORES DOS SANTOS, 2019). Mas, o sonho revelou Pankará e foi escolhido para a identidade do povo.

Após o retorno a Serra, a Cacica Dorinha continuou o processo de mobilizações com os indígenas na Serra do Arapuá e em junho de 2003, através de um ritual foi escolhida Cacica, pela Natureza e formado um Conselho Tribal, composto por 12 lideranças. A partir do ritual foi apresentada aos indígenas da Serra e reconhecida como liderança - Cacica (OLIVEIRA, 2014).

O processo de organização política com escolha de cacicado e de Conselho Tribal faz parte das práticas de organização política de praticamente todos os povos indígenas no Nordeste, implantado no passado em muitos grupos pelos funcionários do SPI. Dorinha Pankará além de Cacica ocupa outros cargos e funções na organização sociopolítica do Povo Pankará, destacando sentir “orgulho de representar meu povo e contribuir na luta junto aos demais povos indígenas do Brasil, sinto que carrego esta luta como uma Missão de Vida (MARIA DAS DORES DOS SANTOS, 2018).

Sobre a condição de mistura, a Cacica afirmou que os índios na Serra do Arapuá ao longo do tempo misturaram com não indígenas. E, próximo a Serra tem o Quilombo Tiririca dos Crioulas com relações parentais e históricas com os Pankará. A afirmação da

---

<sup>5</sup> Termo utilizado pelos indígenas do Nordeste relacionado a área que reivindicam como direito ao território. Em Pernambuco também é utilizado para designar o processo de estadualização das escolas indígenas, na mobilização pela autonomia e pelo direito a Educação Específica e Diferenciada (ALMEIDA; SILVA, 2014).

identidade não é pela aparência física, mas pela preservação da tradição, da cultura e das mobilizações, pois desde os antepassados a história é cravada na Aldeia Cacaria, incluindo o nome, da “época em que os índios eram espancados e, muitas vezes, mortos. Eles eram enterrados em jarras [urna funerária] e hoje existem muitos cacos dessas jarras” (GOMES, 2017, não paginado). O avô enfrentou muitas perseguições dos “posseiros”.

Afirmou entre 1940 a 1980, os indígenas eram “tratados como escravos”, obrigados a pagar “rendas”. A Serra do Arapuá foi ocupada por famílias poderosas das cidades de Floresta e Carnaubeira da Penha. Os “posseiros” praticavam violências para submissão dos indígenas, mas essas mesmas famílias permanecem agindo para submissão do povo Pankará, com uma nova estratégia: a apropriação da identidade indígena para usurpar o poder do povo, na intenção de fazer a gestão do Território Indígena Pankará. Em concordância com a afirmativa do antropólogo Hohenthal registrada em tópico anterior, na história de vida do seu Pai, Pajé Pedro Limeira.

Também relatou que atualmente existe uma grande tensão na Serra do Arapuá devido à demora na finalização do processo de demarcação e desintrusão das terras, com ameaças e perseguições. Os não-indígenas, denominados pelos Pankará de “posseiros” estão fazendo investidas e ameaças para os indígenas comprarem as terras que sempre foram habitadas pelas famílias indígenas, nunca saíram da Serra, mesmo quando proibidos, escondiam a identidade indígena e praticavam os rituais sagradas à noite, nas matas e na Serra Umã. Afirmou que quando ocorrer a finalização do processo de demarcação e desintrusão no Território Pankará não terá pagamento de indenizações a indígenas, somente aos não indígenas e declarou que existem mais de 70 não indígenas ocupando o Território Pankará.

O processo de demarcação e desintrusão da Terra Indígena Pankará Serra do Arapuá iniciou em 2010, com a emissão da Portaria 413 e o reconhecimento do povo e do Território Serra do Arapuá como área indígena. Com a previsão de delimitação de 15 mil hectares e em 2014 foi finalizado o Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação - FUNAI (RCID<sup>6</sup> - FUNAI), realizando atividades, nomeado de Grupo de Trabalho (GT - FUNAI), com a participação dos Pankará. Relatou a Cacica após a finalização e entrega do referido relatório pela FUNAI ocorreu acentuada tensão, com constantes ameaças de mortes.

---

<sup>6</sup> O referido documento é parte do processo administrativo demarcatório aberto pela Fundação Nacional do Índio, definido através do Decreto n. 1775/96. É uma peça técnica objetivando o embasamento do processo de reconhecimento de um território indígena (GALLOIS, 2004).

Portanto, o acirramento de conflitos e disputas podem ser interpretados como estratégias dos não indígenas que são representantes das famílias com “posses” na Serra, dominam o poder político local e os Pankará foram e são envolvidos no jogo das disputas por acesso ao poder municipal. Afirmando a Cacica Dorinha, “tem a missão de lutar pelo povo, mesmo perseguida e ameaçada irá cumprir o dever até o final da vida” (MARIA DAS DORES DOS SANTOS, 2018).

A afirmação da presença indígena na Serra do Arapuá é também afirmada pelo Pajé João Miguel, (João Antônio do Nascimento,), habitante na região do Agreste, Serra do Arapuá. Nasceu em 1962, com 56 anos. Declarou que a família é muito boa e muito importante, os avós paternos eram Miguel Rosarinho e Maria de Miguel Rosarinho<sup>7</sup>. Os avós maternos chamavam Manoel Branco e Antônia Branca. É da família Amanso, originária na Serra Umã e na Serra do Arapuá. Viveu a maior parte da vida morando entre as Serra do Arapuá e Umã. Também destacou que “passava uns tempos na ‘beira’ do rio plantando arroz, feijão e cebola, na Ilha Grande, no Município de Abaré, no estado da Bahia.

Evidenciou a família sempre foi dos rituais, “nasceu nos rituais”. A mãe era “Cabocla Mestre da Jurema”, rezava na Serra do Arapuá, mesmo sendo da Aldeia Olho d’água do Padre, Território Indígena Atikum. Praticavam os rituais às escondidas “por causa dos brancos” que não gostavam, diziam que “a gente era feiticeiro, por isso os Terreiros eram todos escondidos, em cima das Serras, nas matas, distantes das casas” (JOÃO ANTÔNIO NASCIMENTO, 2019).

Sobre o reconhecimento do povo Atikum descreveu costumeiramente a família praticava agricultura na Serra Umã, no período de plantios de mamona, fava, milho e feijão, praticavam os rituais com os “caboclos” da Serra Umã. No momento do reconhecimento dos Atikum não conseguiram fazer um ritual forte e então a família foi morar um tempo na Serra Umã, praticando rituais para fortalecer os “caboclos de lá”. Em relação a Serra do Arapuá afirmou possuir direitos as terras na “cabeça da Serra”, na Chapada, herança dos mais velhos. Mas, sempre morou no Agreste em terras arrendadas, plantando de meeiro, trabalhava também de “aluguel” para os “posseiros” e “compadres” (JOÃO ANTÔNIO NASCIMENTO, 2019).

---

<sup>7</sup> No sertão pernambucano era prática usual a atribuição de nome ou sobrenome do esposo para fazer referência a esposa, como também para diferenciar de outro membro da família que possui o mesmo nome, que com o tempo podia transformar em um outro sobrenome da família. Costume ainda hoje existente, principalmente na zona rural.

Reafirmou que vivem da agricultura, plantando milho, feijão, mandioca, andu e batata doce. Não usam nenhum tipo de veneno, só espera o tempo chuvosos para obter boa colheita. Também a partir do movimento de reconhecimento da “tribo” passou a ser reconhecido na região como Pajé, recebendo pessoas para rezas e feituas de “trabalhos” espirituais. Após o reconhecimento étnico ocorreu melhoria nas condições do povo e da família, com a conquista de muitos empregos e serviços nas áreas de educação e saúde (JOÃO ANTÔNIO NASCIMENTO, 2019). Portanto, o movimento indígena proporcionou melhorias nas condições socioeconômicas do povo, segundo afirmou o Pajé João Miguel. Como também alteração nas interdições e proibições das práticas ritualística.

Manoel Gonçalo da Silva, conhecido como Nenem Pankará, liderança que representa as práticas tradicionais, através do uso dos recursos naturais com finalidades terapêutica e ritualística. Em relação aos cultivos e manejos agrícolas pratica plantios consorciados e utiliza plantas para o combate de pragas nas oças. Portanto, exercendo práticas de sustentabilidade e de preservação ambiental. É uma referência na Serra do Arapuá e região na indicação e fabricação de “garrafadas”/remédios de plantas para curas de doenças. É também conhecedor das plantas sagradas usadas nos rituais.

Nasceu no Enjeitado, região entre o Agreste e a Chapada da Serra do Arapuá. Com 57 anos, enfatizou com mais preparo físico do que muita gente mais jovem. Atribuiu a disposição e boa saúde aos usos diários de chás e “garrafadas”, preparados com plantas da Serra do Arapuá. Afirmando que “nunca foi ao médico e nunca fez nenhum exame de laboratório médico, nunca sentiu nenhum tipo de dor, sensação de mal estar ou doença”. E que os conhecimentos são de “herança tribal”. A família sempre foi dos remédios: “Meus avós laboravam com remédios, minha mãe laborava com remédio, meu pai laborava com remédio e eu nasci laborando, fazendo remédio e continuo na mesma cura” (MANOEL GONÇALO DA SILVA, 2019).

Relatou que antigamente quando as mulheres e os homens adoeciam de “febre, ferida ou outras doenças, as curas e os remédios eram do mato”. Destacou que, “todo remédio do mato nós sabia, os encantados nos ensinavam. Nós, aprendemos a fazer, chegava, descia e ensinava a nós como fazer os nossos remédios, nossos médicos, nossos ‘dotôs’ eram os encantado de luz e o pajé” (MANOEL GONÇALO DA SILVA, 2019).

Sobre a infância e a juventude narrou que viveu no “mato, nos Toré e nas matas. Era e sou muito cismado, só gosto de viver na mata”. O pai era Acino José da Silva, o avô Gonçalves e avó Maria Gonçalo. A família é toda da família Gonçalo, Gonçalão,

Gonçalinho, Gonçalo Vêi, João Gonçalo, Antônio Gonçalo, Neto Gonçalo, João Gonçalo, Antônio Gonçalo. Reafirmou que a família Gonçalo é da Serra Negra, “vieram pra cá, daqui voltaram pro rio, pra Rodela, voltaram pra Buíque. É muita história e muito comprida. Em todos os cantos que nós chegamos, tem nosso povo. É tudo parente” (MANOEL GONÇALO DA SILVA, 2019).

Destacou que a família era muito numerosa. O avô com 12 irmãos “e vieram uma meia dúzia, meu pai veio junto [Serras: Umã e Arapuá]”. Todos foram e são perseguidos. Por isso, “em todo canto que chego encontro uma ‘rama’ da família”. Afirmou que a Serra Negra é a mãe de todos os índios na região, devido as perseguições os indígenas tiveram que fugir da Serra Negra, uns foram esconder na região do atual município de Buíque. A respeito da Serra Negra foi afirmado em uma pesquisa que, “a Serra Negra devido a sua vegetação de mata fechada, serviu durante séculos de abrigo a índios, escravos fugidos e fugitivos da justiça” (MAPEOU, 2008, p. 40).

Afirmou o entrevistado que os filhos dos “caboclos”, atualmente os índios Pankará, eram batizados no ritual da Jurema, não eram batizados na Igreja. Não podiam fazer nada, nem podiam plantar e nem fazer farinha, devido as perseguições. E o avô contava que o motivo da saída da Serra Negra foi porque desapareceu uma moça branca. Saíram caçando a moça e não encontraram. A família do avô, os indígenas da Serra negra, chegaram numa maloca, era uma “loca<sup>8</sup>” de pedra, habitada por “Encantados de Luz e da Natureza”, que avisaram para saírem da Serra Negra, pois aconteceria um “derramamento de sangue”. Então, uns ficaram e foram acusados de crime pelo desaparecimento da moça branca. E outros fugiram para Serra do Arapuá. Os brancos continuaram a perseguição, restando aos índios fugirem para outras Serras e para Buíque.

A respeito das relações parentais com os indígenas que habitando na região da Serra Negra e no atual município de Buíque, foi afirmado em pesquisa que os indígenas Kambiwá possuem relações parentais e fluxos culturais com os Pankará (ANDRADE, 2014). Afirmando a Serra do Arapuá como lugar de refúgios de índios e a Serra Negra sendo a referência da identidade Pankará,

Aqui na serra é um lugar que mais se escondia índio, nunca pegavam. Foi uma persiga grande, os brancos colocaram os escravos pra perseguir a gente, mas aqui eles nunca conseguiram. Mas, hoje, todos nós temos que agradecer a Buíque e a Serra Negra, a nossa identidade, somos de lá (MANOEL GONÇALO DA SILVA, 2019).

---

<sup>8</sup> Termo popular no sertão, designando um esconderijo embaixo ou entre pedras.

Descreveu que muitas das perseguições eram feitas por negros, escravizados pelos brancos que diziam serem os donos das terras. Os negros escravizados “perseguiam a mando dos brancos”. Mas, “agora são tudo braiado, índio com negro ou com branco”. Evidenciou que, a mistura da sua família foi a partir da chegada na Serra do Arapuá e Umã, misturou com outras famílias. Com os Rosa, mesma família dos Atikum que habitam a Serra Umã. Na Serra do Arapuá a família Gonçalo é uma das mais antigas, misturaram com as famílias Caxeado e com os Limeiras. Reforçou que a família é a que tem a história e a verdade, “aqui de lado fica a pedra de Aticum, tem um terreiro. Aqui um caboclo começava dançando o Toré sozinho, ia aparecendo outros caboclos e com três dias aparecia caboclos de todo lado. Aqui é a história e a raiz do povo do Enjeitado, hoje a gente continua na luta, somos fortes” (MANOEL GONÇALO DA SILVA, 2019).

Em relação ao rio São Francisco, Nenem Pankará evidenciou a família - os Gonçalves, possuíam relações parentais às margens do rio, destacou “um tio viveu toda a vida nos terrenos dos Caribés, perto de Belém do São Francisco”. E, na Velha Itacuruba morava a família dos Francisco, atualmente os Pankará Serrote dos Campos, na Nova Itacuruba. E os demais familiares dos Francisco foram realocados após a Construção da Barragem de Itaparica, no Projeto Brígida, aonde moram seus parentes, João Guarda, Zé Francisco, Valdo e Antônio Francisco. Além de outros parentes que foram realocados na Nova Remanso (BA), aonde mora o parente Joaquim Francisco e outros. A origem deste povo é toda do Enjeitado e do Mingu, são todos parentes, como também possui relações parentais com outros grupos indígenas habitantes no sertão do São Francisco.

Reafirmou que são todos parentes e com origens na Serra Negra, foram “braiando” e espalhando pelas regiões das serras e do rio São Francisco. Com parentes em Pernambuco, nos povos Atikum, Kambiwá e Pankararu, na Bahia, nos povos Tuxá e Tumbalalá. Destacou relações parentais com os negros e brancos – “posseiros”. Evidenciou as relações socioambientais às margens do rio São Francisco, afirmou que, em épocas de secas desciam a Serra para fazer trocas e plantios na beira do rio, num Porto, próximo a cidade de Belém do São Francisco, para buscar sal e trocavam por banana, castanha, laranja, feijão de corda, fava e andu, cultivos agrícolas da Serra, continuam cultivando até os dias atuais.

Também praticavam agricultura de vazantes no rio, na região da Velha Itacuruba, plantavam mandioca, batata doce. Informou práticas extrativistas e artesanais palha de

Catolé fabricavam arupemba<sup>9</sup>, cestos e “bocas-pios<sup>10</sup>”, para carregar produtos ou como objeto de troca na região do rio São Francisco. Destacou que a planta Catolé é considerada também medicinal. Negociavam também na região do rio penas das canelas de Ema, usadas na fabricação de pinceis. Ressaltou que as aves Emas também eram consideradas sagradas, usavam no ritual, atualmente estão em extinção.

Afirmado também pelo antropólogo Hohenthal que os indígenas Tuxá usavam a planta Caroá para fabricação de roupas usadas nas cerimônias religiosas, como também penas de Ema que utilizavam na confecção de adornos. As aves eram capturadas na região da Serra do Arapuá ou obtinham dos índios “Pacarás”, habitantes na referida Serra. Portanto, vinculando a Serra como local de habitação de indígenas ‘Pacarás’ e afirmando as relações existentes entre os indígenas Tuxás e os indígenas da Serra do Arapuá (HOHENTHAL, 1960).

Nenem Pankará é reconhecido por indígenas e não indígenas, grande conhecedor sobre os usos diversos das plantas usadas na terapêutica e na ritualística dos Pankará. Também evidenciou as complexas relações parentais com diversos grupos étnicos habitando na região do sertão de Itaparica, formando redes através de circuitos de trocas, com fluxos e trânsitos entre diversos Ambientes e indígenas e são influenciados pelo rio São Francisco.

A liderança Luciete Pankará afirmou a identidade étnica através da origem, nasceu na Aldeia Mingu em 21/07/1967, localizada na região da Serra do Catolé/Serra do Arapuá. A origem da família materna é da Aldeia Mingu. Evidenciou que o nome Mingu foi atribuído a “mãe avó” da sua mãe, que era conhecida como Mãe Mingu, uma liderança tradicional. Local de prática de Toré da família desde tempos imemoriais, praticando ritual desde criança (MARIA LUCIETE LOPES, 2019). Praticava também ritual na mesma Aldeia, no Terreiro de Manoel Maior.

A família paterna é da Aldeia Lagoa, das famílias Souza e Caxeado. Os avós paternos moraram na Aldeia Água Grande, ainda na atualidade existe a casa dos avós naquela Aldeia. Afirmou que antes do processo de mobilização étnica não eram nomeados os lugares em aldeias. Então, o local ou região denominada Água Grande tinha como

---

<sup>9</sup> Peneira de palha da Planta Catolé ou de Buriti, muito usada até os dias atuais na região do sertão nordestino.

<sup>10</sup> Sacola com pequena abertura feita de palha de Caroá.

“posseiro” Totonho Novaes e os avós paternos eram moradores deste “posseiro”, na condição de meeiros<sup>11</sup> e pagavam ao “posseiro” a metade da produção.

Atualmente a maioria dos parentes paternos moram na Aldeia Cumbe, localizada próxima a Lagoa. E na adolescência descreveu que, “Íamos para a Aldeia Lagoa fazer farinhada e dançar o toré no Terreiro da casa de tia Amélia. E também íamos dançar o toré na casa de tia Osmíndia na Gameleira”. Ressaltou que a tia Osmíndia, mãe de Marineide (apelido Pêdêda), atualmente lidera um grupo de indígenas Pankará na cidade de São Paulo (SP), como também a prima paterna, Chirley Pankará é uma liderança do movimento indígena em São Paulo, recentemente eleita como primeira Deputada Estadual Indígena no Estado de São Paulo (MARIA LUCIETE LOPES, 2019).

Possui relações parentais com os indígenas Tuxá em Ibotirama (BA), deslocados da Antiga Rodelas devido a construção da Barragem de Itaparica para a cidade de Ibotirama. Afirmou que a família sempre foi de luta. Então, a militância e a participação em movimentos de mobilização indígena é herança dos antepassados, pois os familiares em todas as épocas lutaram pela terra indígena Pankará da Serra do Arapuá, por exemplo, o tio de seus pais, Emiliano Gameleira foi uma importante liderança, no início do Século XX, na busca pelo reconhecimento como povo da tradição.

Descreveu a atuação profissional como docente, atividade importante para a participação como liderança no processo de mobilização étnica e no fortalecimento da Educação Escolar Indígena Pankará. Trabalhou como professora no povo Atikum no período de 1997 a 1999, buscando aliar as práticas didáticas ao fortalecimento da cultura indígena, como exemplo narrou que realizava com os estudantes, acompanhada por uma liderança do povo Atikum, visitas na Serra do Arapuá, na Aldeia Mingu, região do Alto das Tábuas, com o objetivo de coletar a planta “Caruá” para a confecção de “Cataiobas<sup>12</sup>”, considerada a “farda do índio”. Pois, na Serra Umã, na Aldeia Sede era difícil encontrar “Caruá”. Afirmou que a atuação como professora no povo Atikum contribuiu para fazer parte desde o início do movimento de estadualização das escolas indígenas em Pernambuco, através da criação da Comissão de Professores Indígenas de Pernambuco (COPIPE), “na luta de direitos a educação específica, diferenciada e intercultural”, como

---

<sup>11</sup> Meeiro ou arrendatário na região do Submédio São Francisco são termos semelhantes. Funcionando da seguinte forma, o fazendeiro “dava” uma área de terra para o “meeiro” morar com a família e lavrar a terra. O meeiro tinha que investir na preparação, na aquisição de sementes ou raízes, no trabalho de plantios e colheitas, tendo a obrigação de destinar a metade de toda produção agropastoril para o fazendeiro, como pagamento de uso da terra (SABOURIN; CARON, 2009).

<sup>12</sup> Vestimenta feita de Caroá usada pelos Pankará em rituais e em mobilizações políticas.

também facilitou o processo de reconhecimento étnico e as mobilizações pela educação e saúde específicas (MARIA LUCIETE LOPES, 2019).

Evidenciou a importante atuação na reorganização política e sociocultural do povo Pankará, através da participação no primeiro estudo antropológico realizado em 1999, objetivando o registro e valorização da “história de ocupação tradicional da Serra do Arapuá pelos Pankará e resultou no reconhecimento étnico em 2003”. Membro da COPIPE e liderança indígena Pankará destacou a participação efetiva nas intensas mobilizações e decisões políticas do Povo conquistaram a estadualização da educação escolar Pankará (MARIA LUCIETE LOPES, 2019). Sendo considerada liderança da “Tradição” e da educação Pankará, referência na Educação Escolar Indígena em Pernambuco.

O Pajé Manoelzinho Caxeado<sup>13</sup> (Manoel Antônio do Nascimento) nasceu em dezembro de 1942. Relacionou a identidade étnica com o Ambiente, a Serra do Arapuá onde habita os Pankará, em Carnaubeira da Penha/PE: “Nasci no torrão da Serra, na Aldeia Lagoa. Nasci dentro da Aldeia. A mãe que me pegou, a parteira era índia, tinha muita experiência na reza, oração e tenho orgulho de ser Índio Pankará” (OLIVEIRA, 2014, p. 38). Evidenciou as relações parentais com o povo Tuxá, o avô era parente de Anália Tuxá, mãe de Roque Tuxá (MANOEL ANTÔNIO DO NASCIMENTO, 2019).

Salientou que os indígenas cada um tinha os conhecimentos dos antigos índios na Serra do Arapuá, com o modo próprio de “conviver e de ser”. E quem “disciplinou” tanto os vizinhos índios Atikum quanto os “caboclos” da Serra do Arapuá foram os indígenas Tuxá que tinham guardado os primeiros conhecimentos. As Serras Umã e Arapuá são as mesmas origens, é o mesmo o povo, a Aldeia Atikum tem nas duas Serras (MANOEL ANTÔNIO DO NASCIMENTO, 2018).

Em um texto sobre a história de vida de Roque Tuxá foi afirmado que esse indígena morou um período na Serra do Umã com os índios Atikum, no início da década de 1950, quando tinha 19 anos. Ao retornar a Rodelas enfrentou perseguições de “coronéis” que ocuparam as terras. Fugiu e em 1952 ingressou na Companhia de Navegação do São Francisco, na função de marinheiro, trabalhando no trecho Juazeiro (BA) a Pirapora (MG). Estabeleceu residência em Pirapora com quase toda a família

---

<sup>13</sup>A denominação Caxeado iniciou com o trabalho de construção de caixotes para mel realizado pelo bisavô, morando sazonalmente na Serra do Araripe (Ceará), como também outros membros da família (MANOEL ANTÔNIO DO NASCIMENTO, 2019).

“Anália”<sup>14</sup>. Atualmente a liderança sociopolítica e religiosa dos Tuxá é exercida pela neta, Anália Moisés Tuxá, em Pirapora (SANTOS JÚNIOR, 2018). Portanto, Anália Tuxá e Roque Tuxá fazem parte das memórias dos Pankará habitante na Serra do Arapuá, pois são citados como grandes lideranças religiosas, conhecedores da “ciência do índio”.

O Pajé Manoelzinho Caxeado reafirmou que a história da sua família é a “chave” na Serra do Arapuá, pois é a família que tem mais pessoas na Serra e expande por toda região do Pajeú, toda a região de Floresta. O avô, Zé Caxeado, era do Olho D’água do Padre, indígena do povo Atikum e casou com uma parente, Maria de Souza, que habitava na Serra do Arapuá, mas toda família era oriunda da vizinha Serra Negra. Destacou a Serra Negra como “a mãe de todos. É o grande tronco-velho”. Importante para os indígenas no Sertão, os ancestrais dispersaram devido as inúmeras perseguições dos brancos. Evidenciou as relações parentais com os Fulni-ô, Kambiwá. Atikum e Tuxá (MANOEL ANTÔNIO DO NASCIMENTO, 2019).

O Pajé Manoelzinho Caxeado destacou que desde a infância faz usos de plantas, barro e madeira da Serra para fazer “os elementos que dá força aos índios, como o cocá que são feitos de palhas de Catolé, colares feitos de sementes e os caquis [cachimbo] são feitos de madeira ou de barro” (MANOEL ANTÔNIO DO NASCIMENTO, 2019). Em relação a “ciência do índio” foi afirmado pelo Pajé Manoelzinho Caxeado que “a ‘ciência’ quem tem são “os pajés, os mais velhos e que a sabedoria e a luta vêm dos ancestrais, os bisavós, os avós e das histórias vivida por cada índio” (OLIVEIRA, 2014, p. 98). Evidenciando que as práticas socioculturais são entrelaçadas com o Ambiente e histórias familiares cotidianas expressas através das memórias dos indígenas Pankará.

Manoel Caxeado relatou que o avô narrava que a família Carvalho, oriunda da região de Água Branca, área próxima a Serra do Arapuá, com a desculpa das secas foram subindo a Serra com o gado, tomando as terras: “mas não foi através de guerras. Iludiam o povo, ofereciam carne ou cavalo e trocavam por terras (MANOEL ANTÔNIO DO NASCIMENTO, 2019). Afirmou que só não perderam as terras aqueles que não aceitaram fazer as trocas, como a sua família. Outra forma que os fazendeiros tomavam as terras dos “caboclos” era no momento da preparação para plantio, pois quando faziam roçados e brocas<sup>15</sup>, aproveitavam para aumentavam a área, desmantando terras além do

---

<sup>14</sup> Denominação atribuída a liderança política e religiosa exercida pela mãe, Anália Tuxá.

<sup>15</sup> Práticas de preparação da terra denominado de roçados e o ato de retiradas de ervas daninhas. A broca é a derrubada de árvores, o desmatamento da área que será usada para plantios agrícolas. Práticas realizadas por indígenas, quilombolas e agricultores tradicionais. Formas de manejos agrícolas realizados em todas as regiões brasileiras (SILVA-FORSBERG; FEARNSSIDE, 1995).

limite da posse. Evidenciando os esbulhos de terras que os indígenas Pankará enfrentaram ao longo do tempo, praticados por famílias representantes da oligarquia na região.

Afirmando as relações parenteais destacadas pelo Pajé Manoelzinho Caxeado, a Cacica Pankará Serrote dos Campos, Lucélia Leal Cabral. a avô, Josefa Alice é prima do Pajé Manoelzinho Caxeado e o avô, Luiz Preto é primo do Pajé Pedro Limeira. A Cacica nasceu em 15/12/1977, na Fazenda Roçado, Serra do Arapuá. Desde a tenra infância participava das migrações sazonais nos períodos de secas, quando a família descia a Serra do Arapuá para trabalhar na Fazenda Garrancho, Zona Rural da Velha Itacuruba, plantando nas margens e ilhas da Velha Itacuruba e nos períodos chuvosos retornavam a Serra. Enfatizou que a infância foi muito boa, “pois vivi grandes momentos ao lado dos meus avós, com maravilhosas noites no Terreiro, deitados em esteiras ouvia as histórias belíssimas contadas pelo meu avô” LUCÉLIA LEAL CABRAL, 2019).

Relatou que seu primo, Geraldo Leal Lopes, participou também das migrações sazonais da Serra para a Velha Itacuruba, casando com uma negra da Fazenda Garrancho, área conhecida como Poços dos Cavalos, atual Comunidade Quilombola Poços dos Cavalos. Portanto, a família habitava a região da Velha Itacuruba desde a década de 1960, com o estabelecimento de moradias também da tia, Maria Josefa e esposo, Manoel Miguel, pais de Geraldo Leal, trabalhavam de meeiros plantando arroz. E em 1988, após a construção da Barragem de Itaparica, as terras agricultáveis de Poços dos Cavalos foram inundadas, Geraldo Leal e a família receberam um valor em dinheiro correspondente a indenizações dos plantios e foram reassentados na Zona Urbana da Nova Itacuruba.

Estudou na Serra do Arapuá até a antiga 4ª Série Primária, atual 5º ano do Ensino Fundamental I, como não existia outras modalidades de ensino na Serra foi morar na casa do primo, Geraldo Leal, na Nova Itacuruba em 1989. Nessa época, com 12 anos começou a trabalhar nas roças, “alugada”, por diária, plantando cebola, tomate e colhendo feijão. Trabalhava durante o dia e estudava a noite, necessitava ajudar a família. E em 2001, a mãe com o restante da família estabeleceram também moradia no Nova Itacuruba, na área periférica, também trabalhando nas roças de “alugados”, por diárias ou vivendo de “biscates”.

Afirmou que sempre ouviu os mais velhos narrarem sobre o rio São Francisco como local de refúgio e de sobrevivências nas difíceis secas. Também espaço de história, memória e do sagrado, com grande significado espiritual e ambiental. Relatou que, “o Pajé Pedro Limeira sempre afirmou que a partir da vazão do rio, observado por eles de

cima da Serra do Arapuá, sabiam o tempo e se teriam ou não boas colheitas” (CABRAL, 2016).

Enfatizou que os Pankará no Serrote dos Campos é fruto da mistura, com origens na Serra do Arapuá. São das famílias Limeira e Cacheado, os “troncos velhos” Pankará e os indígenas do Serrote dos Campos são as “pontas de ramas” Pankará, resultado do processo de trânsito entre a Serra do Arapuá e o rio São Francisco em períodos de secas, quando atravessavam o rio para participar de rituais no povo Tuxá em Rodelas. Assim, como outros grupos étnicos ocupavam vários espaços às margens e em ilhas do São Francisco (CABRAL, 2016). Destacou que sempre tiveram os direitos negados. Na década de 1980 foram impactados com a Barragem de Itaparica, perdendo seus trabalhos e formas de sobrevivências.

O processo de mobilização para o reconhecimento étnico e a ocupação do Serrote dos Campos foi motivado pela falta de terra para plantios e para práticas dos rituais, pois como moravam na zona urbana da Nova Itacuruba não possuíam trabalho e nem perspectivas de melhoria de vida, além de enfrentarem perseguições e discriminações por praticarem os rituais, denominados de “feiticeiros ou macumbeiros”.

Então, decidiram buscar reconhecimento étnico como também buscar a retomada de uma área, reconhecida pelos mais velhos como Território Sagrado, fazendo parte dos locais que usavam nas travessias para o povo Tuxá. Para tanto, consultaram o Pajé Pedro Limeira que após ritual fez a recomendação dos “Encantados”, para buscar uma área serrana com antigos Cruzeiros”, seriam locais sagrados e antigos caminhos de trânsitos entre a Serra do Arapuá e a Velha Itacuruba.

Segundo Lucélia Leal, inicialmente a Cacica no Território Serrote dos Campos era Dorinha Pankará, obtiveram o reconhecimento imediato por todas as lideranças da Serra do Arapuá, por pertencerem “as linhagens das famílias dos Pajé, Pedro Limeira e Manoelzinho Caxeado” (LUCÉLIA LEAL CABRAL, 2018). Ressaltou o Pajé Manoelzinho Caxeado é também o Pajé do Povo Pankará Serrote dos Campos.

Evidenciou que em 2008, após dois anos do cacicado de Dorinha Pankará, “sob orientação e indicação dos ‘Encantados’ fui escolhida a Cacica do povo”. Ressaltou também que estão mobilizados desde 2010, realizando diversas ações e denúncias contra o projeto de implantação de uma Usina Nuclear<sup>16</sup> em Itacuruba/PE (LUCÉLIA LEAL CABRAL, 2017).

---

<sup>16</sup>O projeto do governo brasileiro de construção de usinas nucleares é alvo de críticas por diversos setores da sociedade, especialmente ambientalistas, afirmando que pode ocorrer graves impactos socioambientais.

A identidade étnica foi afirmada por Lucélia através das práticas tradicionais, como uso de ervas para curas, a crença nos “Encantados da Jurema”, nas rezas dos Pajé e benzedeiros, na preservação e cuidada com a “Mãe Terra”. Finalizou que o objetivo do povo Pankará Serrote dos Campos é “buscar viver em harmonia com os todos os seres que habitam nosso Território, por isso é Sagrado” (LUCÉLIA LEAL CABRAL, 2019).

As trajetórias de vidas narradas acima evidenciaram as relações parentais e ritualística com outros grupos indígenas, especialmente com os Atikum, habitantes na Serra Umã, vizinha a Serra do Arapuá. Para tanto, faz-se necessário explicitar o “segundo momento do processo de territorialização”, que iniciou na década de 1920, com o reconhecimento pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) dos “descendentes” dos Carnijós por meio da criação de Posto Indígena (P.I.) na área do antigo aldeamento da Missão Ipanema, onde atualmente habitam os Fulni-ô, no município de Águas Belas/PE. A partir daí ocorreram várias articulações interétnicas nas décadas de 1930 a 1950, outros povos indígenas passaram a reivindicar o reconhecimento de áreas de antigos aldeamentos e a instalação de postos indígenas, como foi o caso dos Atikum, na Serra Umã e das mobilizações dos Pankará na Serra do Arapuá. O ritual do Toré passou a ser o aspecto propulsor, mediador e legitimador étnico conectando o passado e o presente por meio dos “Encantados” como condição de afastamento da condição de mistura, numa reconstrução identitária relacionando com os antepassados míticos de forma metafórica chamados “troncos velhos” para redescobrirem-se nas “pontas de ramas” (ARRUTI, 1996; OLIVEIRA, 2004).

É importante ressaltar que motivos semelhantes e a mesma estratégia usada pelos “caboclos” na Serra Umã foram utilizados por outros grupos para a afirmação da identidade indígena no Nordeste, como foi o caso dos “caboclos” da Serra do Arapuá. Neste sentido, os Pankará usam a expressão “braiado” para afirmar a identidade através da mistura com o acionamento do mundo mítico para lembrar a história dos antepassados, os “troncos velhos” com os atuais indígenas, “as pontas de ramas”, afirmados pelos “Encantados” (OLIVEIRA, 2004).

As histórias de vidas dos entrevistados evidenciaram as conexões parentais intra e interétnicas através das narrativas descritas sobre os familiares. Também a importância das práticas tradicionais evidenciadas, como as formas de plantios, os usos dos recursos naturais na terapêutica e o sentido que atribuem as práticas ritualísticas e a sacralidade da “Jurema”.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 2ª ed. Rio de Janeiro, FGV, 2004.
- ANDRADE, L. E. A. “**Nem emergentes, nem ressurgentes, nós somos povos resistentes**”: território e organização sócio-política entre os Pankará. Recife: UFPE, 2010 (Monografia Bacharelado Ciências Sociais).
- \_\_\_\_\_, “**Kapinawá é meu, já tomei, tá tomado**”: organização social, dinâmicas territoriais e processos identitários entre os Kapinawá. João Pessoa: UFPB/CCA/CCHLA, 2014, 192p. (Dissertação Mestrado em Antropologia).
- ALMEIDA, P. F. de.; SILVA, R. de F. e. A retomada da educação escolar pelos índios Pankará. **Polis**, 38, p. 01-14, 2014. Disponível em: <http://polis.revues.org/10049>. Acessado em 28/02/2019.
- ARRUTI, J. M. P. A. **O reencantamento do mundo: trama histórica e arranjos territoriais Pankararu**. Rio de Janeiro, UFRJ/Museu Nacional, 1996. (Dissertação Mestrado em Antropologia Social).
- BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.
- CABRAL, L. L. **ÍNDIOS PANKARÁ: Entre o Rio São Francisco e a Serra do Arapuá: história, memória e espiritualidade**. Floresta: IF SERTÃO PE, 2016, 12p. (No prelo).
- GALLOIS, D. T. “Terras ocupadas? Territórios? Territorialidades?”. In: RICARDO FANY (Org.). **Terras Indígenas & Unidades de Conservação da natureza – o desafio das sobreposições**. São Paulo : Instituto Socioambiental, 2004, p.38- 41. Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/files/file/PIB\\_institucional/dgallois-1.pdf](https://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_institucional/dgallois-1.pdf). Acessado em 02/07/19.
- GOMES, E. De como a ambição massacra um povo - Depoimento: Dorinha Pankará. **Revista Continente**, especial da edição 196, abril, 2017, não paginado. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/196/depoimento--dorinha-pankara>. Acessado em 25/09/2017.
- HOENTHAL Jr., W. D. As tribos indígenas do Médio e Baixo São Francisco. In: **Revista do Museu Paulista**, nova série, volume XII, São Paulo: 1960, p. 37-71.
- MAPEOU, Emanuele. **Cativeiros e cotidiano num ambiente rural. O Sertão do Médio São Francisco–Pernambuco (1840-1888)**. Recife, UFPE, 2008. (Dissertação Mestrado em História).
- MENDONÇA. C. F. L. **Insurgência política e desobediência epistêmica: movimento descolonial de indígenas e quilombolas na Serra do Arapuá**. Recife, UFPE, 2013 (Tese Doutorado em Antropologia).
- MENDONÇA et all. **Nossa Serra, nossa terra: identidade e território tradicional Atikum e Pankará**. 2012. Disponível em: [http://www.cimi.org.br/pub/publicacoes/Nossa%20Serra%20Nossa%20Terra/nossa\\_serra\\_comclu.pdf](http://www.cimi.org.br/pub/publicacoes/Nossa%20Serra%20Nossa%20Terra/nossa_serra_comclu.pdf). Acessado em 20/12/2013.
- OLIVEIRA, E. G. da S. **Os índios Pankará na Serra do Arapuá: relações socioambientais no Sertão pernambucano**. Campina Grande, UFCG, 2014, 133p. (Dissertação Mestrado em História).
- OLIVEIRA, J. P. de. (Org.). **A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2004, p. 13-38.

SABOURIN, Eric e CARON, Patrick. Camponeses e Fundos de Pastos no Nordeste da Bahia. In: GODOI, Emília Pietrafesa de.; MENEZES, Marilda Aparecida de.; MARIN, Rosa Acevedo (Org.). **Diversidade do campesinato: expressões e categorias Estratégias de reprodução social**. Volume 2. São Paulo: UNESP, 2009, p. 89-115. Disponível em:

file:///C:/Users/USUARIO/Documents/RIO%20S%C3%83O%20FRANCISCO/Hist%C3%B3ria%20social%20do%20campesinato%20no%20Brasil%20-%20Diversidade%20do%20Campesinato%20-%20v.%202.pdf. Acessado em 06/06/2019.

SANTOS JÚNIOR, R. C. Mestre Roque Moisés, o grande Cacique e Pajé do Povo Tuxá Setaor Bragaga de Pirapora Minas Gerais. In: **Os Brasis e suas memórias**. Disponível em: <https://osbrasisesuasmemorias.com.br/mestreroque-moisés/>. Acessado em 05/06/2018.

SILVA, E. H. **Os restos dos índios Sukurú de Cimbres: cultura material, história e identidade indígena no Nordeste entre os anos 1930 e 1950**. CLIO: Série Arqueológica (UFPE), v. 22, p. 149-176, 2007.

SILVA, G. da. **“Chama os Atikum que eles desatam já: práticas terapêuticas, sabedores e poder**. Recife, UFPE, 2007. (Dissertação Mestrado em Antropologia).

SIGAS-PE. **Sistema de Informação e Gestão da Assistência Social de Pernambuco**. Disponível em: <http://portalsocial.sedsdh.pe.gov.br/sigas/Arquivos/Tabela%20dos%20Munic%EDpios.pdf>. Acessado em 09/09/2013.

Entrevistados(as):

Lucélia Leal Cabral, 32 anos, (Cacica Pankará Serrote dos Campos). Aldeia Pankará Serrote dos Campos, Nova Itacuruba/PE, em 04/05/17; 05/06/2018 e 25/05/2019.

João Antônio do Nascimento (Pajé João Miguel), 79 anos. Aldeia Marrapé, Serra do Arapuá, Carnaubeira da Penha/PE, em 25/05/2019.

Manoel Antônio do Nascimento (Pajé Manoelzinho Caxeado), 77 anos. Aldeia Lagoa, Serra do Arapuá, Carnaubeira da Penha/PE, em 19/02/2018, 06/06/2018, 09/05/2019 e 30/06/2019.

Maria das Dores dos Santos (Cacica Dorinha Pankará), 55 anos. Aldeia Cacaria; Serra do Arapuá, Carnaubeira da Penha/PE, em 25/05/2019.

Manoel Gonçalo da Silva (Nenem), 57 anos. Aldeia Marrapé, Serra do Arapuá, Carnaubeira da Penha/PE, em 04/03/2018; 21 e 22/04/19; 05/05/2019.

Maria Luciete Lopes, 51 anos. Aldeia Laje, Serra do Arapuá, Carnaubeira da Penha/PE, em 25/05/2019.

Pedro dos Santos (Pajé Pedro Limeira), 90 anos, Aldeia Cacaria/Serra do Arapuá, Carnaubeira da Penha/PE, em 25/05/2019.